



Vereadora Erika Hilton

PROJETO DE LEI Nº /2021

Dispõe sobre a instalação de busto em homenagem à Amanda Marfree e dá outras providências.

A Câmara Municipal de São Paulo DECRETA:

Art. 1º Nos termos desta Lei, o Poder Executivo se responsabiliza a instalar monumento de homenagem à Amanda Marfree, histórica ativista da luta dos direitos humanos.

§ 1º O referido busto será denominado de Busto Amanda Marfree e conterà a seguinte inscrição básica:

Amanda Marfree, travesti, puta, imigrante, deportada, ativista, transfeminista, educadora, viveu pela e para sua comunidade até seus últimos dias, vítima da Covid-19, quando aliviava a fome das esquecidas da sociedade.

§ 2º O Monumento deverá ser instalado no entorno do Parque do Carmo – Olavo Egydio Setúbal, situado na zona leste do município de São Paulo.

§ 3º Os procedimentos para confecção e instalação do busto de que trata esta lei deverão ser concluídos em até 6 (seis) meses após a entrada em vigor desta norma.

Art. 2º. As despesas decorrentes da execução desta resolução correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas, se necessário.

Art. 3º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 20 de agosto de 2021.

Palácio Anchieta
Viaduto Jacaré, 100, 3º andar, sala 304
São Paulo - SP, CEP 01319-900
erikahilton@saopaulo.sp.leg.br



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Vereadora Erika Hilton

ERIKA HILTON
Vereadora

Palácio Anchieta
Viaduto Jacareí, 100, 3º andar, sala 304
São Paulo - SP, CEP 01319-900
erikahilton@saopaulo.sp.leg.br



Vereadora Erika Hilton

JUSTIFICATIVA

Amanda Marfree, mulher transexual, nascida em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, reconhecida por seu trabalho transativista em São Paulo, trabalhou como orientadora sócio educacional no Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD). Tornou-se a primeira transexual de São Paulo a se candidatar a um Conselho Tutelar. Foi pré-candidata a vereadora na cidade de São Paulo pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no ano de 2020, mas faleceu, no mesmo ano, vítima de Covid-19, aos 35 anos.

Marfree rompeu com a prostituição e aproximou da educação e do serviço de assistência social não apenas como compromisso individual para a sua “transcidadania”, ao qual foi estruturalmente negada por boa parte da vida, mas utilizou esse resgate como combustível de ação coletiva e solidária para todas e todos que foram marginalizados dos espaços de educação e emprego por sua identidade de gênero e orientação sexual. Lutou, assim, pelo reconhecimento da humanidade e contra a invisibilidade das pessoas trans nos espaços institucionais e nos serviços públicos, como por exemplo na mobilização pela inclusão de gênero no Plano Municipal de Educação (PME).

Como muitas pessoas trans e travestis, recorreu à prostituição para ter condições financeiras de realizar alterações corporais como forma de se aproximar de sua identidade feminina desejada, haja vista que exclusão do mercado de trabalho formal em aceitar pessoas trans também afetou seu itinerário de subsistência. O processo de migração, comum a geração de travestis de sua época, alcançou Amanda. Esta foi cafetinada, na Itália, mesmo sem saber a língua do país. Entretanto, acabou sofrendo deportação para São Paulo, local este que Marfree chamou de lar e reconheceu seu compromisso político com as gerações de crianças, adolescentes e LGBTs vulneráveis ao qual pretendeu e dedicou sua vida.

Na capital paulista, teve seu reencontro com a sala de aula por meio do programa Transcidadania, aos 30 anos, a qual tornou-se “a primeira de cem”, título em honra a seu destaque na turma, por ser a primeira beneficiária do programa a terminar o segundo grau. Após o término da escolarização pelo Transcidadania, atuou no cargo de recepcionista no Centro LGBT da Zona Leste, sendo este seu primeiro emprego formal. Este feito foi muito simbólico na sua trajetória por sinalizar um caminho de portas abertas para sua cidadania e reconhecimento das suas qualificações e habilidades para exercer atividades em serviço às minorias sociais.



Vereadora Erika Hilton

A ativista e militante representa para a cidade de São Paulo um dos primeiros e notórios compromissos do município com direitos das pessoas trans e travestis, por isso tem o mérito de ser reconhecida e gravada nas reminiscências seu projeto de construir o traviarcado, por meio da inclusão, igualdade e subversão ao cisheteropatriarcado. Dentre suas muitas ações de ativismo solidário, mesmo com comorbidades, no contexto da pandemia de Covid-19, Amanda Marfree arrecadou doações e as entregava pessoalmente as cestas básicas em casas de acolhida de mulheres trans e travestis da cidade.

Amanda, em entrevista para a Revista Fórum, declarou: “O único lugar que a travesti tinha era a esquina, agora tem a escola.”¹. Nesse sentido, esperamos acrescentar mais lugares para imortalizar a transcestralidade e o legado das travestis na memória e espaços de honraria na cidade de São Paulo.

¹ Ver <<https://observatoriosc.org.br/o-unico-lugar-que-a-travesti-tinha-era-a-esquina-agora-tem-a-escola/>> Acesso em 13/08/2021